

O TYPOGRAPHO.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

Collaboradores—Diversos.

Este jornal pertence aos typographos da Regeneração. Publica-se uma vez por semana, aos domingos. Preço da assignatura : por uma série de 10 numeros 1\$000, pagamento adiantado.

2.^a Serie | Desterro, 6 de Outubro de 1872. | N. 11

O TYPOGRAPHO.

Desterro, 6 de Outubro de 1872.

O estudo.

A intelligencia humana é como um diamante bruto, que o lapidador aperfeiçoa e pul: ella precis tambem que se a aperfeiçoe, para que possa desenvolver-se e abrir suas grandes azas, fechadas e oppressas pelas ferreas e pesadas cadeias da ignorancia.

O homem que estuda, sente-se feliz, porque encontra nos bons livros um balsamo consolador, um allivio ás dores e ás afflicções que o mundo a cada passo nos dá.

O homem que estuda, sente-se feliz, porque parece-lhe que sua alma foge, e vai prostrar-se aos pés de Deus, que lhe dê a resignação — unica arma para combatter os soffrimentos, — e porque inspirou-lhe desejos puros.

O homem que estuda, sente-se feliz, porque vive n' um mundo tranquillo e d'elle só conhecido e amado.

O homem que estuda, sente-se feliz, porque está mais alto que os mais, n' um céu de delicias e serenidade, contemplando extatico e em profunda adoração o poder de Deus.

E porque é isto ?..

Porque cultiva com afincio a intelligencia esse dom sublime que o Omnipotente lhe dêo para distingui-lo dos animaes irracionaes, e para que por meio del

la podesse comprehender e respeitar a sua grandesa e poderio; o que não succede com aquelles que se aoração ao mundo material e que só delle a morte os pode separar.

A intelligencia é uma graça especial da Providencia.

A intelligencia é um distinctivo que o homem tem dos outros animaes.

A intelligencia é um sorriso, um sopro do Creador.

E assim para que deixar que esse sorriso, esse sopro do Creador se embote se perca nos impuros lodacões da ignorancia ?

Para que deixar que se apague essa scintilha que Deus nos accendo n' alma ?

Para que trocar a luz pelas trevas ? O bem pelo mal ?

Um madeiro pede o naufrago agonizante a lutar no pégo que referve madeiras; uma gota de agua pede o lasso viajor aos candentes areaes da Lybia; um rayo que lhe mostre o atalho pede no seu desespero, o misero caminhante, perdido no deserto por noite de tempestade; um rayo de luz pede o cego, que mendiga, assentado n' marco de granito da estrada, e eu peço um relampago, o brilho de uma estrella que me allumie no caminho escabrozo do estudo !

Quando deixarei de pedir ás ondas um madeiro ? quando deixarei de pedir um golo d'agua á fonte exhausta ? quando deixarei de pedir ao céu um rayo...

mais um... ainda outro... que dissipe as trevas que me cercão para que eu não caia nos abysmos que escancarão as terríveis fauces debaixo de meus pés? quando deixarei de atravessar as catadupas da torrente? quando deixarei de ferir meus pés nas urzes do atalho? quando chegarei ao meu Sinay?

Cansei... Os membros combatidos se recusão a fazer mais um movimento sequer; mas a minha vontade me brada — Caminha! Caminha! —

Caminha! Caminha, A-hverus da sciencia! que esta rua de amargura conduz o paciente caminheiro ao seio das delicias. D'aqui ha pouco a estrada que ora trilhas com tanta difficuldade, tornar-se-ha mais plana, depois, alcatifada de macia relva; depois, juncada de flores; por fim, verás jardins amenissimos, sempre floridos como em perpetua primavera; fontes crystallinas e muradoras; poeticos arroyos; prados esmeraldinos; rozaes immensos a exhalarem inebriantes perfumes, avezinhas multicolôres a modularem celestes harmonias!

Verás um busto de granito prostrate ante elle, que esse busto è o de Guttemberg!...

Caminha! Caminha!

Não pares neste ponto da estrada, porque morrerás, assim como morre o viajante, que, torado pela fadiga, se entrega ao sono nos desertos de gelo da Lapônia,

Eu me sinto desfallecer, mas, para que parar, se esta rua da amargura tem um fim?

Para que parar no meio de silvas e abrolhos se os podemos galgar, e correr para o futuro, que tão rico de esperanças se nos apresenta, e mostrar nossas vestes espedaçadas pelos espinhos das pentas e abrasadoras estradas, nos pés escorrendo sangue — coroa de flores que temos em recompensa do nosso trabalho? —

Para que parar no meio das trevas, se além brilha uma luz, como uma estrellinha perdida rasgando as negras e pesadas nuvens da tempestade, a que podemos chegar com mais um esforço?

Para que recuar ante um obstaculo que nos parece inaccessible, mas que podemos destruir com a força de nossa vontade?

Quando encontrarmos um troço na estrada tão cheia de urzes que começamos a trilhar, levantemos os olhos ao céu, e implorêmos a Deus um rayo de luz, e a sua infinita misericordia, que Elle tornal-a-ha plana.

Guttemberg, esse gigantesco vulto, cujo nome fulgura nas paginas de ouro da historia, quantos troços não encontrou, antes de poder consumar a sua grande obra?

Quantas gottas de suor ardente não lhe cabirão sobre a madeira em que abra aquelles caracteres que tanta fama lhe grangearão, e que tanta gloria dão aquelles que estudão?

Trabalhemos! rasguêmos esse denso manto que nos rouba a luz, e caminhemos!

Caminhemos! Não nos assuste a solidão da estrada, nem os agudos espinhos que a tapizão!

O futuro è nosso!

ROMANCE

O pescador e o banqueiro.

por

FELIX ELIE.

I.

O vento sopra violento, abalando as taboas mal juntas da porta e mettendo-se pela estreita chaminé; o surdo murmuro das vagas agitadas que vinhão continuamente quebrar-se nos rochedos da praia, ouvia-se na cabana.

—Mão tempo para quem está no mar,

O TYPOGRAPHO.

disse Houghton : Deos os não desampare !

Sua mulher não lhe respondeu. Sentada uma mesa, junto ao lar onde flamejava um bom fogo de ramos seccos, parecia aborrida na contemplação de uma caixinha que acabava de abrir. Entretanto, Houghton, tinha acabado seu cachimbo : depois de ter sacudido toda a cinza, voltou-se para Joanna ;

— Foi no dia que se seguiu á uma noite como a de hoje, que achámos na praia esta fortuna, disse elle, mostrando a caixinha.

— Mas quanto poderá isto valer ? — perguntou Joanna, levantando os olhos pela primeira vez.

— Não sei respondeu o pescador ; mas ha de vale muito dinheiro E quem dirá que isto nos pertence !... Oh ! somos ricos... ricos, mulher !... Ha nesta palavra alguma cousa que faz o coração bater mais depressa.

— Disseste a Jorge, aquillo em que convenciamos ?

Ainda não ; mas esta noite, elle saberá tudo.

— E' preciso que elle se vá, e quanto mais depressa melhor ; elle sabe que achámos ouro e joias nesta caixinha.... Se esta fortuna o tentasse....

Que juizos !....

Mas depois de um momento de silencio, Houghton continuou :

Tens razão mulher, ninguém sabe o que vira a acontecer. A carne é fraca e a cabeça dos moços sujeita á canção.

Ainda não notaste como elle anda pensativo de algum tempo á esta parte ?

Sempre inquieto... sempre só....

Houghton fez um signal affirmativo.

— Ent'õ repito : he preciso que Jorge se vá ; não ficarei socegada enquanto elle estiver aqui.

— Não posso acreditar que o coração de Jorge medite tao negro projecto como o de roubar-nos.... Mas tranquillisa-te, mulher, elle se irá.

Neste momento abriu-se a borta da cabana, e entrou um mancebo carregado com algumas rédes que atirou em um canto da casa.

— Eil-o ahi ! disse Joanna, abaixando a voz e fechando a caixinha. Olha como está triste e pensativo.... parece que não nos vê.

— Seu modo do costume, respondeu o pescador ; porém leva essa caixa, e deixa-nos sós.

Joanna sahio.

Jorge tinha-se sentado junto das rédes, e dispunha-se a tomar algumas malhas que se tinham aberto, quando Houghton o chamou para junto de si. Jorge deixou seu canto, e veio sentar-se perto da mesa, defronte do pescador.

— Tu me disseste ha tempo, disse Houghton, que terias gosto em viajar, ver terras tenho reflectido, e se ainda estás nas mesmas disposições

— Nas mesmas, disse Jorge ; será possível que consintaes ?

— Sim, não me opponho á tua partida ... mas tens algum navio em vista ?

— Nenhum.

— Está bem ! O velho Tom Will parte amanhã para os mares do sul... é um bom d'abo, mas se te queres ajustar á seu bordo....

— Como elle mesmo é que eu desjava fazer minha primeira viagem.

— Então está tudo arranjado á tua vontade ! Partirás com elle, e poderásilson ear-te que terás em Tom Will o melhor capitão que haja.

— E é amanhã que elle dá á vela ?

— Sim, amanhã é um pouco breve, mas a occasião é optima.

— Partirei, meu pai disse o mancebo que parecia perseguido por um pensamento penoso.

— Mas ainda não é tudo, continuou

O TYPOGRAPHO.

Houghton; ainda tenho outras cousas que te diser, e que certamente não esperas.

Jorge olhou para elle a mirado.

—Julgaste sempre que eu era teu pai, não é assim?

—E' verdade disse Jorge, mais surpreendido ainda.

—Pois sabe que o não sou.

—Não sou meu pai! exclamou o manco, e em sua voz havia mais alegria que tristeza, sua fronte de enrugou-se immediatamente.

—Não não sou teu pai.

—Então Maria.

—Não é tua irmã... não é preciso dissel-o.

—Eu te agradeço meu Deus! murmurou Jorge

—Escuta-me, continuou Houghton; é uma historia bem triste a que te vou contar.

Recolheu-se por um momento, como se buscasse, em sua memoria uma recordação esquecida ha muito tempo; depois continuou,

(Continúa.)

Illusões

(Imitação)

Em vão te-chamo! — Cherubim de amôres,
Candida rosa dos vergéis do céu!
Anjo formoso a matizar de flôres
A larga estrada do martyrio meu!

Em vão te-chamo! — A soluçar se-pêrde
A minha voz, mas solidões do ar,
Entre as florinhas da campinha verde,
Por sobre as vagas d'espumante mar!

Sonho querido de uma mente em fogo,
Mentida sombra a suspirar de amor,
Em vão te-chamo, e de hyrante rogo
Um teu sorriso de eternal languôr.

Lá — nas ruinas de um passado encanto,
Por noites lindas de gentil luar,
Ind'ouço as notas de um saudoso canto,
Que rasga os ares e perpâssa o mar!

Em vão te-chamo! que minh'alma chora
Prantos de fogo, de pungente dôr,

Que traga risos — divinal auzora,
Quer traga a noite — inspirações de amor!

Em vão te-chamo! — Que martyrio lento!
Que dôr! que magua! que soffrer atroz!
Entre as lufadas de vairoso vento
Some-se fuge minha fraca voz!

E eu vivo, e eu choro, sem haver ao menos,
Quem me-consôla n'um soffrer assim!
Solto na lyra — malfadados thrênos
E a Deos supplico d'esta vida o fim!

Horacio Nunes Pires.

LOGOGRIPHO.

Instrumento muito usado
Entre os nossos carp teiros — 3.ª e 4.ª
Por elles tambem usado
No preparo das madeiras — 2.ª

Assim faz a sabia aranha
Ao canto de uma cozinha — 3.ª e 1.ª
Quem não o faz ao mão genio
P'ar perdição s'encaminha — 4 e 1.ª

C.

Sou a lei representada,
O symbola da rec idão;
Dou abrigo ao innocente,
Ao culpado punição.

CHARADA.

Sou vegetal — 2
Sou musical — 1

C.

Não gosto do serio,
Me-fasto do pranto;
Detesto a tristeza;
Me ajunto ao encanto.

A decifração do logogrifho do n. 10
é—Gasofilasio, e a da charada—Astrolabio.

Typographia da «Regeneração» Largo
de Palacio n. 32.